

A imagem como documento: uma concepção da “Nova” História

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima¹

Na atualidade, uma das maiores preocupações dos profissionais de História está voltada para a concepção da História Cultural do que se entende pela “História vista de baixo”. Preocupação esta que deve atingir não só pesquisadores, professores do Ensino Superior, mas também os professores da Educação Básica para que o processo de reflexão sobre a História torne-se mais possível e possa se descortinar para elementos estudados que antes não se refletiam como passíveis de produção historiográfica.

Estudar as mulheres, a pobreza, a saúde pública, a escola e o lugar dos alunos em seus bairros, em sua cidade, e até as moedas romanas são exemplos dessa possibilidade. Parte-se do princípio de que a História Total de Fernand Braudel (1969), da ideia de que “tudo é história”, seja uma preocupação de muitos historiadores com a História Cultural, e com o papel do fato histórico que deve ser observado e não esquecido².

É neste sentido, que o historiador Claudio Carlan, em “Simbologia, numismática e iconografia: a imagem como documento” aborda o poder da imagem e da ciência da numismática como formas de expressão de um período histórico em que se tenta legitimar sua força pelos símbolos que, por ora, fundamentam a questão artística, bem como a ideológica. Ideologia aqui compreendida como aspecto político e religioso. E toda explicação se configura em torno da moeda e sua inserção na sociedade antiga.

Tais questões evidenciam o entendimento e o comprometimento do profissional de História, principalmente em seu papel como docente. O professor de História deve ter o cuidado de não trabalhar com reducionismos e esquematizações que

¹ Coordenadora do programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade Unigranrio. E-mail:

² Um exemplo é Robert Darnton que em *O Beijo de Lamourette* (2010) faz uma crítica aos historiadores sobre esta questão. O autor mostra, ao fazer uma análise para a TV Norte-americana de um programa sobre a Revolução Francesa, que os fatos do episódio histórico em questão não deveriam ser esquecidos ou sobrepostos. As categorias, as interpretações, os novos objetos da História são de extrema importância, mas não se deve deixar o fato totalmente de fora. A História deve ser construção, mas não fantasia, uma mera dramatização. A História não é somente um discurso, mas há o fato que deve ser interpretado.

fragmentem o conhecimento histórico. Um exemplo é ter o modelo ocidental europeu como algo “evolutivo” e que deva ser encarado como verdade pelos alunos. Assim, eles aprendem a história a partir de uma versão cronológica ou de “importância” sem saber o porquê. Há efetivamente a necessidade de mudança não só de método, mas de concepção histórica. Garantir uma reflexão de natureza histórica. Pensar a História como construção e não como verdade.

Deste modo, tanto a docência como a pesquisa histórica se utilizam de fontes e de objetos diferenciados para a compreensão do processo histórico. Alguns símbolos marcantes identificam esse novo direcionamento da História que traduzem uma aula e uma pesquisa mais atraente e mais próxima da realidade de quem as absorve. Seja um aluno ou um mero leitor.

O texto de Carlan revela que a moeda é um excelente exemplo, já que, como fonte, demanda inúmeras compreensões políticas, religiosas e culturais. Além disso, manifesta-se como uma possibilidade de documento que encontra um movimento interessante entre o monumento e o patrimônio. A possibilidade de ensinar e se aprender a História Antiga através de um símbolo que a representa.

Referências bibliográficas:

BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.